



CAMPOS

V.17 N.1
2016

REVISTA DE ANTROPOLOGIA
PPGA/ UFPR

Um Brasil para todos os brasileiros: 20 anos da Marcha Nacional dos Sem-Terra ¹

CHRISTINE DE ALENCAR CHAVES

Em 17 de abril, há vinte anos, 1.300 sem-terra chegavam a Brasília com a *Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça*, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra-MST. Foram dois meses de caminhada diária em que sem-terra de diferentes estados da federação atravessaram o território brasileiro partindo de São Paulo, Governador Valadares e Cuiabá. Reunidos nessas cidades em 17 de fevereiro, acampados e assentados do MST passaram a integrar as três Colunas que formavam a Marcha Nacional. Em suas fileiras, os sem-terra buscaram atravessar pontos diversos do território nacional seguindo diferentes itinerários rumo a Brasília, cada qual completando um percurso superior a mil quilômetros. Mais que estradas, porém, a Marcha Nacional atravessou o solo moral do país ao colocar em xeque os fundamentos da ordem democrática e conclamar a “sociedade brasileira” a reconhecer como problema a concentração da riqueza e da terra, o desemprego, a violência, a injustiça e a impunidade nela reinantes. Vinte anos depois, o dia escolhido pelos sem-terra para chegarem a Brasília permanece um símbolo de violência e impunidade: 17 de abril, data do massacre de Eldorado dos Carajás pela polícia militar do Estado do Pará².

Ao longo de todo o trajeto, nas ruas e praças de vilas e cidades por que passou, a razão de ser da Marcha Nacional era exposta em palavras de ordem, hinos, representações teatrais, canções e discursos. Uma sequência padronizada definia a sua passagem pelos centros urbanos: entrada das duas fileiras de marchantes na cidade, desfile pelas ruas e avenidas principais até a praça central, comício a céu aberto seguido de nova caminhada rumo ao local de pouso. Usando referenciais simbólicos consagrados,

1 Fotografias e apresentação são o resultado de pesquisa de campo realizada junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra-MST, cujo fruto foi um trabalho etnográfico sobre a Marcha Nacional.

2 No massacre de Eldorado dos Carajás resultou no assassinato de 21 trabalhadores sem-terra, 69 feridos, alguns com seqüelas graves. Em 17 de abril de 1996, 150 policiais militares, armados de fuzis e sem identificação nas fardas, foram destacados pelo governador Almir Gabriel para interromper a caminhada dos trabalhadores. Dos vinte e um trabalhadores assassinados, dez foram executados, nove foram mutilados até a morte com suas próprias ferramentas de trabalho e dois faleceram em decorrência dos ferimentos recebidos. Apenas dois comandantes da operação foram condenados, o Coronel Mário Colares Pantoja e o Major Oliveira; nem os policiais militares, nem a autoridade civil tiveram sua participação apurada. Nesses vinte anos, 271 trabalhadores rurais foram assassinados apenas no estado do Pará.

misto de peregrinação, parada militar, comício político, procissão e festa, a Marcha Nacional criou um amplo processo comunicativo tanto com relações face a face ao longo do percurso, quanto através dos meios de comunicação de massa locais e nacionais. Sem-terra especialmente designados para a tarefa realizavam encontros e debates em escolas, sindicatos, igrejas, centros comunitários, faculdades e Câmaras Municipais, sem descurar a participação em programas de rádio e outros meios de difusão local.

Para os sem-terra, a Marcha Nacional foi “um grande processo de formação” e um ato de *sacrifício pela luta*. Na Coluna Sul, que acompanhei, a rotina diária era extenuante: começava antes das cinco da manhã e estendia-se por cerca de 18 horas divididas entre acordar, arrumar a bagagem, levá-la ao caminhão de transporte, entrar na fila do desjejum (café e pão), participar da *mística*, formar fileiras, caminhar toda a manhã, almoçar (arroz, feijão, macarrão, às vezes tomate ou carne), caminhar a tarde toda, participar do ato público na cidade, ir a pé ao local de pouso (às vezes acampamentos à beira da estrada), achar a bagagem, buscar um espaço para o pernoite, enfrentar a fila do banho (quando havia), outra para o jantar e, só então, buscar o refúgio do sono. Nos trechos de maior distância entre as cidades, a caminhada terminava diretamente no local de pouso, em que barracas aguardavam os marchantes ao final do dia. A cozinha da Marcha também se deslocava com ela, ficando sempre localizada na cidade mais próxima. De lá, a comida era levada aos marchantes em grandes panelas por meio de caminhões. Em alguns trechos, a água chegava em caminhões pipa, mas o mais das vezes eram os marchantes que deviam garantir seu próprio abastecimento. Nos primeiros dias da caminhada, um carro de som acompanhava a Marcha nas proximidades das cidades, enchendo o ar com as canções do Movimento. Com microfones, os líderes faziam discursos e puxavam palavras de ordem em diálogo amplificado pelas vozes da multidão dos marchantes. Mas a maior parte do percurso foi feita em silêncio concentrado e passos cada vez mais ágeis sob o sol escaldante – poucas vezes sob chuva. Os marchantes enfrentavam os quilômetros com estoicismo e firmeza, às vezes ansiosos pelo esperado descanso, sempre que possível ao abrigo de uma sombra.

A recepção da Marcha em sua passagem pelas cidades ao longo percurso era quase invariavelmente de acolhimento. Em algumas poucas localidades a entrada das suas fileiras foi cercada de tensão, como em Porto Ferreira, São Paulo, reduto eleitoral de um parlamentar ruralista, ou em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, região de elevada concentração de produtores pecuaristas, tradicionais opositores dos sem-terra. Em geral, no entanto, os marchantes recebiam um acolhimento caloroso por parte da população. Em algumas localidades eles foram recebidos por autoridades, como o Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, logo no início da caminhada, mas também por prefeitos, vereadores e deputados. Às vezes eles eram recepcionados com cafés da manhã ofertados por comunidades paroquiais, outras com refeições especiais, como churrasco, uma cortesia de Prefeituras Municipais no descanso mais prolongado de final de semana – quando os marchantes também aproveitavam para lavar as roupas. Houve momentos em que eles uniram-se às comunidades locais, participando de celebrações religiosas e procissões da Via-Sacra, durante a Semana Santa.

Todo o percurso da Marcha, com a definição dos locais de pouso e cozinha, foi previamente preparado por uma equipe, responsável pelo contato antecipado com as autoridades, inclusive militares, e lideranças locais. Apesar dessa preparação e da disciplina dos sem-terra, houve momentos de tensão e

dificuldade também no plano da organização interna da Marcha. Seu percurso não foi despidido de vicissitudes e contradições, que foram, no entanto, silenciadas, em benefício do objetivo maior que unia os marchantes³. À medida em que a Marcha Nacional se aproximava de seu destino, Brasília, a atenção pública crescia. Os últimos dias da caminhada foram marcados pela afluência de repórteres, jornalistas, nacionais e internacionais, e autoridades do meio político, sindical e religioso. Os marchantes, protagonistas anônimos da Marcha Nacional, eram cercados de atenção, suas vidas ganhavam interesse e seu destino parecia tornar-se relevante. Na entrada da capital do país, Brasília, eles foram recebidos com aplausos, sorrisos e rosas. Caravanas vindas de todas as partes do país receberam-nos e, com eles, formaram um mar humano na Esplanada dos Ministérios, transformando a Marcha Nacional na *Marcha dos Cem Mil*.

A forma de estruturação das Colunas da Marcha espelhava o modo de organização do próprio MST, com “grupos de base” que, por sua vez, se agrupavam por estado, além de “setores de atividade”, formados por equipes encarregadas das tarefas de organização cotidiana. Os setores abrangiam, entre outros, Infraestrutura, Cozinha, Transporte, Comunicação, Segurança, Barracos – este responsável por preparar o terreno e levantar as barracas de lona ao longo da rodovia, e que serviriam para um único pernoite. A Marcha também replicava o ideário e modo de ação política do MST, a mobilização coletiva para ação direta. A criação de eventos coletivos na esfera pública, buscando colocar em questão a definição de direitos, das leis e da violência é o meio de ação política precípua desse movimento social. Com sua forma inusitada de ação política, a Marcha Nacional mobilizou a atenção social e converteu-se em caixa de ressonância do ideário do MST, chamando a atenção pública para sua demanda por reforma agrária e recolocando a questão da desigualdade como um problema. *Um Brasil para todos os brasileiros* foi o lema da Marcha Nacional, consigna que sintetiza o ideário crítico e o ideal de transformação social que inspira o MST.

Ato criativo em sentido pleno, como as demais ações coletivas do MST, a Marcha Nacional forjou os atores, a cena e o público, desencadeando novos fatos. Idealizada em contexto de criminalização do MST, prisões de líderes e campanha negativa nos meios de comunicação, em seu percurso ela ganhou “a adesão da sociedade” e o apoio da população à reforma agrária. Esse êxito momentâneo foi seguido por recordes de ocupações de terras, o que tornou o governo de Fernando Henrique Cardoso igualmente recordista na criação de assentamentos rurais. Rito de sacralização dos sem-terra e sua causa e de dessacralização do governo e sua política, a Marcha Nacional mostrou a imensa força e a enorme capacidade criativa da organiz(ação) coletiva – lição que não deveria jamais ser esquecida!

3 O tema foi tratado em Chaves (2000) e especificamente discutido em Chaves (2006).



Foto 01. Cantando na Sé, os militantes animam-se para a longa jornada



Foto 02. Desafio posto na partida



Foto 03. “Este é o nosso país / Esta é a nossa bandeira / É por amor à essa pátria Brasil / Que a gente segue em fileira... A ordem é ninguém passar fome / Progresso é o povo feliz... / A reforma agrária é a volta / Do Agricultor à raiz...”



Foto 04. “Arroz deu cacho e o feijão floriô / milho na palha coração cheio de amor./
Povo sem terra fez a guerra por justiça visto que não têm preguiça este povo de pegar / Cabo de foice, também cabo de enxada pra poder fazer roçado e o Brasil se alimentar.”



Foto 05. “– Cansados?” “– Não, da luta do povo / Nunca se cansa”



Foto 06. Compartilhando ideias e ideais nas pequenas cidades



Foto 07. “Pra soletrar a liberdade/ Na cartilha do ABC/ Se o aprendizado for além do Be A Bá/ Todo menino vai poder ser cidadão/ Reforma agrária também na educação.”



Foto 08. Parece descanso, mas é reunião de estudo e formação nos grupos de base



Foto 09. “Pátria amada do Brasil/ De quem és ó mãe gentil/ Eu insisto em perguntar”



Foto 10. O grande encontro das Colunas da Marcha Nacional



Foto 11. Desafio vencido: em Brasília, o triunfo da chegada



Foto 12. “No Eldorado do Pará/ Nome índio: Carajás/ Um massacre aconteceu/ Nessa terra de chacinas/ As balas assassinas/ Todos sabem de onde vem/ É preciso que a justiça/ E a igualdade sejam mais que palavras de ocasião.”

Christine de Alencar Chaves é doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e professora na mesma instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAVES, Christine de Alencar. 2000. *A Marcha Nacional dos Sem-Terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____. 2006. "Os limites do consentido". I.: Claudia Fonseca & Jurema Brites (orgs). *Etnografias da Participação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Canções Sem-Terra:

Procissão de Retirantes, de Pedro Munhoz.

Pra soletrar a liberdade, de Zé Pinto.

Floriô, de Zé Pinto.

Ordem e Progresso, de Zé Pinto.

RECEBIDO: 23/09/2017

APROVADO: 30/09/2017